Metrópole São Paulo

O segredo dos paulistas: não perder tempo, já dizia um anúncio da Empresa Brasileira de Relógios Hora no início da década de 50. Era a São Paulo do progresso, do desenvolvimento, que começava a dar sinais da **megalópole desvairada** que viria a ser. "São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo", dizia o entusiasmado *slogan* criado na **exaltação** das comemorações do IV Centenário da cidade. Foi nessa capital do trabalho, nessa cidade que não para, que surgiu o célebre sambista e **radioator** Adoniran Barbosa, autor de canções inesquecíveis como "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze". Ele, nascido João Rubinato, ousou parar. Parar para ouvir e contar a rotina de uma outra São Paulo que via e vivia o "progresso" de um jeito bem diferente. Adoniran aparece, então, como narrador, como fonte de uma outra história. Em um momento em que o rádio se populariza, ele funcionava como uma ponte entre a rua e o rádio. Trazia a poética das ruas para o rádio em forma de personagens, de histórias, de crônicas.

Adoniran seria então a voz de uma cultura popular, não letrada, que busca sua inspiração na fala. Que fala? Aquela que se encontra "nos **lugares da palavra**". Uma cidade respira quando nela existem lugares da palavra, pouco importa sua função oficial – o café da esquina, a praça do mercado, a fila de espera nos correios, a banca do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída.

A **transfiguração da sociedade** pelo progresso não para e vai, aos poucos, extinguindo esses "lugares da palavra". Adoniran viveu isso e foi uma espécie de resistência a esse processo. Ele não conseguiu, no entanto, fazer essa resistência através do samba até o fim. A cidade do progresso crescia e ia engolindo a São Paulo de Adoniran, até que, um dia, ele se viu impossibilitado de continuar compondo. "Me mandaram achar São Paulo e eu não achei. Me mandaram achar o Bexiga e não existia mais, a não ser alguma coisinha ali pela 13 de Maio, rua Fortaleza. O Brás é **quem te viu e quem te vê**. Mas já não sofro mais, **estou calejado**, afirmou, **melancólico**, em uma de suas últimas entrevistas.

Fonte: Texto adaptado de artigo de Kika Mandaloufas no jornal da USP – 2002